

# Marcadores discursivos e efeitos de sentido: além das fronteiras dos estudos sobre coesão

(Discourse markers and meaning effects: beyond boundaries in studies on cohesion)

Ivani Cristina Silva Fernandes<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Centro de Artes e Letras – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

icrisifer@gmail.com

**Resumen:** El objetivo de ese artículo es reflexionar sobre los efectos de sentido provenientes de elementos denominados marcadores del discurso, desde la perspectiva de la Lingüística de la Enunciación, una vez que la Pragmática y la Lingüística Textual son insuficientes para ofrecer explicaciones plausibles ante la diversidad de efectos contextuales de estas unidades. Para lograr tal finalidad, se analizará un *corpus* formado por textos publicados, entre los meses de enero y marzo de 2012, en la sección Cartas del Lector, de la revista *Veja*.

**Palabras-clave:** marcadores discursivos; sentido; Enunciación.

**Resumo:** O objetivo deste artigo é refletir sobre os efeitos de sentido procedentes de elementos denominados marcadores do discurso, a partir das noções da Linguística da Enunciação, posto que a Pragmática e a Linguística Textual não são suficientes para oferecer explicações plausíveis diante da diversidade de efeitos contextuais dessas unidades. Para esse fim, analisaremos um *corpus* formado por textos publicados no primeiro trimestre de 2012, na seção Cartas do Leitor, da revista *Veja*.

**Palavras-chave:** marcadores do discurso; sentido; Enunciação.

## Introdução

Sentido, forma, sujeito. Nas últimas décadas, esses termos estão cada vez mais presentes nas pesquisas de caráter linguístico, em especial no âmbito dos estudos enunciativos. Pensar em enunciação implica questionar como forma e sentido se articulam, possibilitando que o sujeito se marque na língua. Como recordam Flores e colegas (2008, p. 19) ao comentar sobre os estudos de Authier-Revuz, “a enunciação é um estudo que prevê que estrutura e sujeito não são disjuntos, mas que estão imbricados e implicados”.

Como nos recorda Mari (2008, p. 13), segundo a abordagem que se faça sobre o sentido (seja semântica, seja pragmática), a construção de sentido está atrelada ao sistema, ao sujeito ou ao processo histórico. Tal afirmação comprova que o lugar do sentido está na língua, lugar também onde o sujeito se marca, não independente dos fatores sociais, históricos e ideológicos. Portanto, qualquer aspecto da materialidade linguística requer uma reflexão sobre a questão do sujeito, o que implica que a discussão sobre aspectos relacionados às marcas do sujeito e às condições de produção necessita de uma análise detalhada que ressalte os mecanismos linguísticos presentes em uma materialidade.

Entre vários elementos que tecem a materialidade linguística, existem algumas unidades que são identificadas comumente como elementos que conectam segmentos em um mesmo enunciado ou vinculam enunciados. Entre algumas categorias gramaticais que

exercem essa função, se destacam conjunções, locuções conjuntivas, advérbios, locuções adverbiais e locuções prepositivas, entre outras.

Tradicionalmente, nas gramáticas de tendência normativa, se exploravam tais elementos no âmbito sintático, ressaltando sua função conectiva e sua posição oracional. Com o advento das indagações e estudos na área da Linguística Textual, a partir da década de 60 do século passado, esse conjunto de unidades passa a despertar o interesse dos estudiosos da área da coesão, em particular, da coesão sequencial, entendida como um conjunto de

[...] procedimentos lingüísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes dos enunciados, parágrafos e seqüências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir. (KOCH, 2005, p. 53)

Dessa maneira, observamos que a análise de ditos elementos enfoca a questão da função conectiva, o que implica, por sua vez, pensá-los em termos cognitivos e pragmáticos com relação à estrutura textual. Essa perspectiva tem sido explorada, nos dias atuais, em livros didáticos para o ensino fundamental e médio, em manuais de redação, nas apostilas de diversos cursos de preparação para vestibulares e concursos públicos, entre outras publicações.

A título de exemplo, observamos algumas obras na área. No trabalho célebre de 1983, *Linguística Textual: o que é e como se faz?*, Marcuschi (2012) coloca uma série de partículas de conexão extra e intraoracionais como sequenciadores, insertos na categoria de fatores de coesão sequencial. Já em seu trabalho de 2008, tal pesquisador volta a discutir a questão dos marcadores, renomeando-os como elementos de coesão sequencial. Em Antunes (2005), a autora trabalha um capítulo sobre a conexão, no qual aborda detalhadamente a questão dos elementos de coesão de função vinculativa de segmentos do enunciado. Outros trabalhos, como os de Fávero (2004) e os de Koch (2005) também atestam como tais elementos são imprescindíveis para a coesão. Cabe ressaltar que a maioria desses estudos se centra na questão estrutural, cognitiva e pragmática do uso dos marcadores como mecanismo de conexão.

No entanto, pesquisas realizadas nos âmbitos enunciativo-discursivos nos têm revelado que, além da função pragmática, a dinâmica das junções e disjunções dos mecanismos lingüísticos na materialidade textual podem permitir que surja uma série de efeitos de sentido, esboçando marcas do sujeito na língua, o que, por sua vez, permite que discutamos questões referentes à subjetividade na linguagem. Podemos citar o artigo de Paillard (2011), em que o autor discute o tema dos marcadores discursivos e as cenas enunciativas, em especial o aspecto da modalização.

Inserido nessa tendência, nosso trabalho se estrutura a partir da questão de como os efeitos de sentido de elementos de conexão, que chamaremos marcadores discursivos (MDs), podem ser relevantes para uma análise na materialidade lingüística de modalidade escrita, não se limitando a ser apenas mais um mero mecanismo de coesão. Algumas vezes, ao analisar detalhadamente a função e os efeitos dos marcadores, comprovamos que tais unidades se configuram como marcas do sujeito, fato este que se torna primordial

quando pensamos a materialidade sob o ponto de vista enunciativo-discursivo, uma vez que não se pode dissociar o sujeito da língua, pois tal unidade é o que nos faz humanos.

## **Fundamentos teóricos e conceitos básicos**

Antes de continuarmos nossas reflexões, é necessário localizar a partir de que lugar teórico analisamos os fatos linguísticos em questão. Inicialmente, nos filiamos ao âmbito de estudo que reúne algumas teorias, relacionadas com as ideias saussurianas, que buscam estabelecer um pensamento sobre a enunciação na linguagem (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 8), isto é, a Linguística da Enunciação. Como ainda nos alertam Flores e colegas (2008, p. 18), a língua não se reduz a um sistema, muito menos “à fala como uso individual do sistema”.

Portanto, a enunciação é um conceito basilar nesse campo, além de ser múltipla em definições segundo a teoria que o aborda. Seguindo os preceitos benvenistianos, a enunciação é o colocar a língua em funcionamento por meio de um ato individual de utilização (BENVENISTE, 2006 [1970], p. 82). Tal conceito está vinculado diretamente com o de enunciado, entendido, de forma geral, como o produto ou a manifestação da enunciação (FLORES et al., 2009, p. 107). Embora não explicitemos o emprego dessas noções na análise, são elas que fundamentam o nosso olhar analista, visto que a questão da subjetividade na linguagem perpassa as discussões teóricas desse autor sobre o pensamento sobre a Enunciação, o que nos orientou na formulação de nossas hipóteses.

É importante recordar que, ao pensar enunciativamente a partir das ideias de Benveniste, o sujeito na linguagem se refere a como o homem se constitui na e pela linguagem, o que significa que não é o nosso foco o sujeito psicobiológico, dono do seu dizer, que com frequência é vinculado aos estudos pragmáticos. Esse esclarecimento é imprescindível aqui, posto que o objeto que analisamos, muitas vezes, é abordado em campos que consideram o sujeito da Pragmática. Inclusive concordamos com Flores (2008, p. 92) quando este autor afirma que

[...] o sujeito não pode ser, tacitamente, considerado o objeto de estudo de uma teoria linguística, nem mesmo de uma teoria da linguística da enunciação, tomada no sentido estrito. O que parece ser levado em conta sempre é a representação que a enunciação dá do sujeito da língua.

Em segundo lugar, dirigindo o olhar ao nosso objeto de estudo, observamos que os marcadores discursivos ainda são uma categoria heterogênea e que a diversidade de nomenclaturas e definições é fruto das diferentes perspectivas assumidas e dos distintos *corpus* analisados. Como vários pesquisadores já mencionaram, por exemplo, Cuenca (2001), os múltiplos critérios empregados e não sempre explicitados para delimitar quais elementos fazem parte do conjunto de marcadores que permitem que haja uma disparidade de terminologias e classificações. Prova disso é a existência de uma vasta nomenclatura e categorizações, que refletem o destaque da função e lugar em que um marcador está localizado no enunciado. Por conseguinte, verificamos que a terminologia se refere a uma conexão (conectores, enlaces, operadores) que age no âmbito linguístico / pragmático (extraoracionais, argumentativos, discursivos).

No Brasil, as primeiras menções datam das últimas décadas do século XX. Como exemplo, temos a obra de Said Ali, *Meios de Expressão e Alterações Semânticas* (1930). Tal autor afirma que há expressões de situação presentes na linguagem oral que parecem desnecessárias na perspectiva da gramática tradicional, mas são relevantes para a transmissão adequada das intenções dos falantes (ALI, 1930, p. 49). Com frequência, notamos que a noção sobre os marcadores atrela essas unidades ao âmbito da modalidade oral. Inclusive também são conhecidos como marcadores conversacionais, entendidos como “palavras e expressões mais ou menos fixas, características da fala, elementos que operam, simultaneamente, como organizadores de interação, articuladores do texto e indicadores da força ilocutória, sendo, pois, multifuncionais” (MARCUSCHI, 1989, p. 282).

Apesar desse fato, entre os pesquisadores da área relacionada aos estudos dos marcadores, a definição mais conhecida é a de Martín Zorraquino e Portolés (1999), uma vez que tal noção engloba os elementos da modalidade oral e escrita. De acordo com esses autores, os marcadores do discurso são

[...] unidades lingüísticas invariables, no ejercen una función sintáctica en el marco de la predicación oracional (son, pues, elementos marginales) y poseen un cometido coincidente en el discurso: el de guiar, de acuerdo con sus distintas propiedades morfosintácticas, semánticas y pragmáticas, las inferencias que se realizan en la comunicación. (MARTÍN ZORRAQUINO; PORTOLÉS, 1999, p. 4057)

Considerando dita definição, tais pesquisadores espanhóis classificam o conjunto de elementos em cinco categorias:

1) **Estruturadores da informação** (organizam informativamente o discurso, ordenando a dinâmica entre tópico e comentário). São subdivididos em: **comentadores** (introduzem um comentário paralelo); **ordenadores** (especificam o lugar que o enunciado assume no discurso) e **digressivos** (introduzem um enunciado que possui uma informação paralela à argumentação).

2) **Conectores** (relacionam semântica e pragmaticamente dois ou mais enunciados, guiando inferências produzidas do conjunto enunciativo). Subdividem-se em: **conectores aditivos** (enlaçam os enunciados com a mesma orientação argumentativa); **conectores contra-argumentativos** (unem enunciados em que o segundo atenua ou anula as inferências que se pudessem obter do primeiro) e **conectores da causalidade** (associa enunciados que têm uma relação de causa-efeito).

3) **Operadores** (condicionam as possibilidades argumentativas dos enunciados em que se encontram). Subclassificam-se em: **operadores de reforço argumentativo** (reforçam argumentativamente determinados enunciados em comparação aos demais); **operadores de concreção** (apresentam o enunciado que possuem um exemplo do tema mais geral do discurso) e **operadores aditivos** (reforçam e dão um valor aditivo ao enunciado que introduzem).

4) **Reformuladores** (introduzem os enunciados mais adequados informativamente, já que esclarecem, retificam ou sintetizam os anteriores). Estão categorizados em: **reformuladores explicativos** (encabeçam o enunciado que explica a informação da sequência anterior); **retificativos** (insertam um enunciado que é uma versão mais adequada da sequência precedente); **de distanciamento** (introduzem

o enunciado pertinente ao mesmo tempo em que privam aos enunciados anteriores de força argumentativa) e **recapitulativos** (apresentam o enunciado que possui a conclusão ou a recapitulação do dito anteriormente).

5) **Marcadores conversacionais** (enlaçam enunciados, destacando aspectos informativos e interativos como relações argumentativas e metadiscursivas, mudanças de tema, recursos fáticos ou de recepção da informação, etc.). Subdividem-se em: **marcadores de modalidade epistêmica** (sinalizam a maneira como o enunciador aborda o enunciado); **de modalidade deôntica** (refletem a atitude subjetiva do locutor diante do enunciado); **enfocadores da alteridade** (sinalizam como o enunciador se relaciona com o co-enunciador) e **metadiscursivos conversacionais** (estruturam o discurso oral que está sendo simulado no texto escrito).

Convém ressaltar que, nos estudos de Martín Zorraquino e Portolés (1999), não há uma distinção clara entre elementos extraoracionais e intraoracionais. Para os fins desse trabalho, vamos considerar marcadores apenas os elementos estritamente extraoracionais, visto que são essas unidades que evidenciam as direções que certos efeitos de sentido tomam, pois indicam a conexão entre enunciados como um todo e não entre partes deles.

Além disso, gostaríamos de introduzir o conceito grego de *ethos* que se refere a uma imagem de si elaborada pelo próprio locutor com a finalidade de influenciar o seu alocutário (AMOSSY, 2005). Como já enfatizamos em outros trabalhos, desde a Antiguidade, tal noção é explorada na obra *Retórica*, de Aristóteles. Embora haja uma visão que inclui a noção psicobiológica do sujeito, Aristóteles reconhece o valor da imagem discursiva do indivíduo no momento de assumir uma postura adequada às estratégias que levariam o auditório a aceitar determinadas teses. Valorizam-se tanto as atitudes pessoais do indivíduo que reforçam a credibilidade, como as formas de expressão concretizadas na materialidade linguística, isto é, as dimensões moral e social que se manifestam por meio de uma construção discursiva de uma determinada imagem.

Igualmente se ressalta, no *Tratado da Argumentação: A nova retórica*, de Chaim Perelman e Olbrechts-Tyteca (1989), a importância de se considerar a construção da imagem dos enunciadores como meio eficiente e eficaz de elaborar uma argumentação de qualidade, enfocando a figura do auditório, o que implica referir-se à imagem do enunciador e às questões de afetividade no discurso argumentativo.

A Pragmática, a Linguística da Enunciação e a Análise do Discurso também empregam, de alguma maneira, a noção de *ethos* para desenvolver várias teorias. Na Pragmática, a Teoria da Cortesia de Brown e Levinson (1987) é uma das que enfoca a construção de imagens discursivas do sujeito como estratégias de persuasão. Por outro lado, na Linguística da Enunciação, Ducrot, na sua obra *O dizer e o dito* (1987), concebe o *ethos* como centro para explicar a noção de polifonia. Ao explicitar a duplicidade da figura do locutor, o pesquisador advoga que as estruturas enunciativas revelam nuances da figura do sujeito de forma mais enfática que os próprios enunciados, cujo conteúdo se refere à descrição do sujeito falante. Por fim, na Análise do Discurso de linha francesa se encontram reflexões fecundas sobre a questão do *ethos* e a elaboração dos sentidos, em vários trabalhos, em especial nos de Amossy e Maingueneau.

Em síntese, o referido conceito se vincula à questão enunciativo-discursiva, pois trata sobre a imagem do locutor, o tom enunciativo e a cena de enunciação (espaço instituído por um gênero e constituído por um discurso). O *ethos* se relaciona com os efeitos dos MDs na medida em que esses efeitos podem influenciar suas características.

Por último, é importante mencionar que, recentemente, estão se desenvolvendo a recuperação e a transcrição de manuscritos de Benveniste. Os primeiros resultados desse trabalho estão reunidos em *Dernières leçons*, publicado em 2012 e, nesse material, podemos observar algumas reflexões sobre a língua e a escritura. No decorrer de vários capítulos, Benveniste conclui que vivemos no mundo da escritura e da leitura e que o ato de escrever não deriva do discurso pronunciado, da língua em uso, mas de uma linguagem interior armazenada. Desse modo, por meio da escritura, concebida como um sistema semiótico, a língua se converte em uma imagem da língua. Todos os aspectos que envolvem a língua em uso, de repente, são substituídos por signos desenhados à mão.

Dessa maneira, ao trabalhar com a modalidade escrita, não estamos pensando em uma simples transposição de sistemas (da fala à escrita), mas pretendemos entender parte desse sistema semiótico que representa a língua e as marcas de um sujeito que se esboça na linguagem, já que é na materialidade da língua que os sentidos se movem e se entrelaçam.

Com base nesses conceitos aqui traçados, pretendemos apontar como alguns efeitos de sentido, provenientes dos marcadores do discurso, podem contribuir para uma análise translinguística, uma das discussões benvenistianas, no momento de abordar questões textuais.

## **Procedimentos metodológicos**

Depois de explicitar os eixos teóricos desse trabalho, cabe esclarecer quais são os aspectos metodológicos que nos guiam. Temos como base o princípio do paradigma indiciário de Ginzburg (1989, p. 152), que se fundamenta em “um saber de tipo veneratório”, determinado pela “capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diariamente”. Desse modo, os indícios encontrados nas análises das amostras podem auxiliar-nos a esboçar um determinado fenômeno que ocorre amplamente na materialidade linguística.

As amostras estão formadas por textos da seção Carta ao Leitor, da revista *Veja*, publicados no primeiro trimestre de 2012. Depois de recopilados, identificamos os marcadores discursivos em tal materialidade, considerando as características da modalidade escrita. Nesse sentido, é preciso delimitar o que seria um enunciado nessa modalidade e, como esse processo exigiria uma longa discussão e fugiria aos propósitos desse artigo, apenas vamos esboçar as noções que nos auxiliaram a definir o que é enunciado em nossas amostras.

Desse modo, para este trabalho, concordamos com os comentários de García (2002) que considera aspectos ortográficos e prosódicos, pois tais marcadores se localizam em posição inicial do enunciado; depois de ponto final, ponto e vírgula e dois pontos (quando este signo de pontuação equivale ao ponto final); e depois de inciso ou final de enunciado, uma vez que esses elementos possuem uma independência entonativa que lhes permite mobilidade dentro do enunciado.

Outro fator relevante é a escolha do gênero Carta do leitor. De acordo com Costa (2008, p. 50), tal carta é um texto “geralmente de opinião (argumentativa), circula em jornais e revistas, já que o leitor a envia para manifestar seu ponto de vista sobre matérias que leu”. Sua natureza argumentativa, envolvida em determinada prática social, permite que, nessa materialidade, se observe um emprego preciso dos mecanismos linguísticos, destacando variados efeitos de sentido em determinado espaço físico.

Dessa forma, após identificar os MDs, ordenando-os conforme as cinco categorias já citadas, faremos uma análise detalhada. Em seguida, apresentaremos os aspectos primordiais encontrados, a partir de nosso olhar analítico, referentes aos efeitos de sentido.

### Uma proposta de análise

Durante o primeiro trimestre de 2012, analisamos 288 cartas do leitor, cuja extensão varia de 3 a 37 linhas. A seguir, esquematizamos a quantidade de marcadores encontrados:

**Tabela 1: Número de marcadores discursivos encontrados no corpus**

Número de textos	37
Estruturadores da informação	11
Conectores	42
Operadores argumentativos	11
Reformuladores	15
Marcadores Conversacionais	06
<b>Total de marcadores</b>	<b>85</b>

A título de exemplo, vamos mostrar alguns fragmentos com marcadores (com grifos nossos em todas as amostras) que podem explicitar algumas questões sobre sua importância nos efeitos de sentido.

Podemos observar que há um emprego considerável de marcadores, embora não sejam elementos imprescindíveis na elaboração do texto escrito, pois, de fato, em vários textos não foi encontrada a incidência desses elementos. No entanto, quando os identificamos, tais expressões são relevantes tanto na estrutura textual / argumentativa como nos efeitos de sentido.

**Tabela 2: Variedade de tipos de marcadores discursivos no corpus**

Marcadores	Tipos
<b>Estruturadores da Informação</b>	De um lado (1)
	Do outro (1)
	Em primeiro lugar (1)
	Em quarto (1)
	Em segundo lugar (1)
	Em terceiro (1)
	Outro (1)
	Pois bem (1)
	Por outro lado (1)
	Por um lado (1)
	Um (1)

Marcadores	Tipos
<b>Conectores</b>	Aí (1) Além disso (1) Assim (1) E (8) Então (2) Inclusive (1) Logo (1) Mas (20) Por isso (1) Porém (3) Porque (1) Portanto (2)
<b>Operadores argumentativos</b>	De fato (1) Na verdade (1) Nem (1) Ou (3) Por exemplo (1) Realmente (2) Também (2)
<b>Reformuladores</b>	Afinal (7) Aliás (2) Enfim (1) Finalmente (1) Ou seja (3) Resumindo (1)
<b>Marcadores conversacionais</b>	Certamente (2) Sem dúvida (1) Sim (3)

O primeiro caso que apresentamos se localiza em uma Carta do leitor que comenta os “supostos” malefícios dos produtos processados e industrializados, em resposta a reportagem *Abre alas para a desintoxicação* (publicada em *Veja*, 22/02/2012). Nesse exemplo, observamos o emprego dos estruturadores da informação considerados como elementos organizadores do texto e desprovidos de valor argumentativo:

- (01) Incluir “alimentos processados e industrializados” em “alimentos do mal” devido à presença de aditivos artificiais não faz sentido. **Em primeiro lugar**, muitos alimentos industrializados não recebem aditivos. **Em segundo lugar**, nem todo aditivo é artificial. **Em terceiro**, não vale dizer que aditivos artificiais são “estranhos ao organismo” só por serem artificiais — o organismo não “usa” esse critério. **Em quarto**, muitos aditivos evitam a produção de toxinas naturais, muitas das quais são letais [...]. (VEJA, 29/03/2012)

Pertencentes à subcategoria dos ordenadores (especificadores de lugar de um enunciado em uma sequência textual), as expressões em questão são analisadas, geralmente, como elementos de coesão estritamente estruturais. No entanto, ao observá-las de modo mais minucioso, podemos vislumbrar alguns efeitos tanto de ordem argumentativa, quanto de ordem enunciativo-discursiva.

Ao considerar uma perspectiva argumentativa, cada ordenador introduz um argumento à tese e, ao estarem vinculados em seu conjunto, os quatro ordenadores conectam



argumentos que parecem obedecer a uma ordem decrescente de evidência. A sua posição inicial reforça entonativa e estruturalmente a série de argumentos. Inclusive, quando temos a redução da estrutura do ordenador (*em terceiro, em quarto*), esse fato parece simular uma mudança sutil de modalidade (da escrita à oral).

Passando a uma perspectiva enunciativo-discursiva, o uso desses marcadores nesse fragmento auxilia no esboço de um *ethos* caracterizado por um tom categórico e metódico, uma vez que cada argumento é objetivado e organizado de forma a evitar digressões e minúcias. Além disso, a primeira redução identificada — *em terceiro* — introduz uma refutação que implica a existência da voz do interlocutor / opositor (*não vale dizer que*), o que valoriza a estratégia persuasiva ao considerar os argumentos do Outro.

Esses efeitos vão muito além dos típicos comentários, de ordem pragmática ou metadiscursiva, sobre o papel coesivo dessas unidades, uma vez que os estruturadores podem possuir um valor argumentativo e participam da construção do *ethos*, nesse caso de um enunciador que assume um tom de uma figura que defende o seu ponto de vista de forma objetiva e contundente.

O segundo caso que apresentaremos o localizamos na Carta que comenta a reportagem *Operação tacacá* (publicada na VEJA, 14/03/2012) sobre os problemas em gravar uma novela na região do Amazonas (no caso *Amor, Eterno Amor*, filmada em algumas localidades do Estado do Pará). Aqui temos o emprego de um operador, um reformulador e um conector em um texto sintético no que tange ao aspecto formal, mas que possui efeitos de sentido expressivos. Do ponto de vista da Linguística Textual e da Pragmática, temos um operador de reforço argumentativo (que enfatiza com força persuasiva determinado enunciado dentro de um conjunto), um reformulador recapitulativo (que introduz um enunciado com papel conclusivo ou recapitulativo) e um conector aditivo (que vincula enunciados com a mesma orientação argumentativa):

(02) **Realmente**, o Pará é para pessoas fortes. **Afinal**, “não venha forte que eu sou do Norte”. E alerta, como se diz por aqui: “Macaco, olha o seu rabo” (VEJA, 21/03/2012).

Todos os marcadores presentes nessa amostra não necessariamente possuem a função coesiva e pragmática de estabelecer conexão. O operador de reforço argumentativo *realmente* se localiza em posição inicial absoluta, ou seja, inicia o texto, o que pode caracterizar a enunciação de tom enfático que se refere à própria posição do enunciador ou a uma simulação de concordância em relação com a enunciação do interlocutor. De qualquer modo, o enunciado introduzido pelo operador *realmente* contém a tese que se apresenta como fruto de uma enunciação de caráter espontâneo ou confessional. Em suma, um dos aspectos mais importantes é a explicitação da coenunciação na textura da materialidade.

No que concerne ao reformulador *afinal*, este recapitulativo introduz um provérbio típico da região norte brasileira que valoriza o caráter do nortista. Devemos lembrar que o provérbio se caracteriza por expressar um conceito, de origem popular e de enfática elaboração rítmica, referente a um aspecto moral ou social (COSTA, 2008). Portanto, é um enunciado, cuja enunciação se relaciona intrinsecamente com a questão da memória discursiva porque, pela própria natureza do gênero, é enunciado repetidas vezes, perdendo-se os traços de autoria única e individual. Ao introduzir um provérbio, temos o reca-

pitulativo *afinal* como um argumento conclusivo, isto é, um argumento que se apresenta também como conclusão, mas, nesse caso, como um remate que carrega vozes múltiplas e de natureza atemporal.

Também será um marcador que introduzirá outro provérbio e temos, em tal fragmento, o conector aditivo *e*, o qual tem um efeito de sobreargumento, a saber, apresenta um argumento extra e secundário (sendo similar ao conector *além disso*). É importante sinalizar que este conector também introduz o verbo *alertar* em 1ª pessoa do singular, o que mostra a marca explícita do sujeito ao enfatizar o seu tom quando enuncia o provérbio. Dessa forma, o *ethos* que se configura na presente amostra é de tom enigmático ao sempre marcar-se pelas referências a enunciados atemporais ou máximas.

O terceiro caso a que nos referiremos se apresenta na Carta do leitor que comenta a reportagem sobre a tragédia do Realengo (*Retrato da Loucura*, VEJA, 28/12/2011). Nessa amostra, temos o emprego do marcador conversacional de alteridade *sim* que indica o modo como o enunciador explicita a relação com o enunciatário:

- (03) [...] Ao ler a reportagem “retrato da loucura” (28 de dezembro), fiquei surpresa com a referência de que ninguém se lembra do nome do assassino. As pessoas envolvidas lembram, **sim**, a cada dia [...]. (VEJA, 04/01/2012)

O referido enfocador de alteridade enfatiza a confirmação de uma ideia já mencionada. Temos, uma vez mais, um marcador que ressalta a própria coenunciação, posto que tal confirmação implica a existência do enunciatário. Esta ênfase auxilia no esboço de um *ethos* de tom veemente em uma cena de enunciação que requer uma defesa de ideias.

A nossa quarta Carta do leitor se relaciona com a reportagem de capa da *Veja*, publicada no dia 04/01/2012 – *O Brasil nos olhos do mundo* – que apresenta um retrato do nosso país a partir de uma pesquisa sobre a visão que os habitantes de outras nações têm do Brasil. Nessa Carta, se destaca o uso reiterado do conector contra-argumentativo *mas*, mecanismo mais empregado para articular contraposições de natureza adversativa e concessiva entre enunciados:

- (04) Nós deparamos com “dois Brasil”: um, da ascensão da classe média, do emprego e das multinacionais; outro, da falta de saneamento básico, dos juros exorbitantes, da corrupção e das leis jurássicas. **Mas** avançamos. Deixamos de ser apenas o país do futebol e das mulheres para começarmos a ser reconhecidos lá fora. **Mas** não sejamos pueris: ainda há muito a fazer para chegarmos lá. (VEJA, 11/01/2012)

Temos aqui dois valores de *mas*. O primeiro é de valor concessivo que contrapõe uma inferência a um enunciado explícito (o Brasil não teve avanços *versus* o Brasil teve avanços). O segundo possui um valor metadiscursivo, pois não vincula enunciados extremamente relacionados, mas *sim* liga um enunciado a outro que traz algum aspecto de natureza interjetiva, indagativa ou injutiva que auxilia a progressão textual. Porém, além desses valores de teor argumentativo e estrutural, podemos notar efeitos relevantes com relação ao aspecto enunciativo, pois estes conectores *mas* destacam dois enunciados que enfatizaram marcas do sujeito.

No primeiro caso, enfoca a veemência da opinião em um enunciado curto, categórico, em que a força do verbo em 1ª pessoa do plural é inequívoca porque representa um coletivo ao mesmo tempo em que inclui o enunciador como mais um brasileiro que

participa desse avanço. No segundo caso, o enunciado no imperativo negativo, embora gramaticalmente integre o enunciador, marca-o não como integrante desse coletivo, mas sim como sutilmente detentor de uma voz de autoridade construída no discurso. O emprego dos dois pontos enfatiza ainda mais o efeito de injunção ao indicar uma pausa que maximiza a força e a relevância do enunciado que se segue. Tais efeitos repercutem na elaboração do *ethos* desse enunciador, uma vez que auxilia na construção de um dizer caracterizado por um tom categórico e de autoridade com relação à enunciação.

A próxima amostra que apresentaremos se refere à Carta do leitor que critica a atuação dos juízes, em resposta à reportagem *O CNJ extrapolou* (VEJA, 28/12/2011), sobre a autonomia do Conselho Nacional de Justiça. No referido exemplo, temos um conector aditivo de valor gradativo de alto grau:

- (05) [...] Como representantes e guardiões das leis, os juízes precisam ter reputação ilibada. Conforme diz um velho ditado popular “Quem não deve, não teme”. Acho, **inclusive** que eles deveriam prestar contas regularmente a alguma entidade fiscalizadora. (VEJA, 04/01/2012)

O conector mencionado introduz o enunciado que está na posição de maior escala argumentativa, ou seja, apresenta o argumento de maior relevância dentro o conjunto de enunciados. Porém, a partir da perspectiva enunciativa, se notamos que sua localização é após um verbo de semantismo de opinião, de assertividade modalizada, tal elemento ressalta a perspectiva desse sujeito que enfoca sua opinião como a enunciação mais importante. É digno de nota que o enunciado possui o verbo “dever” em 3ª pessoa do plural, destacando a voz de autoridade autoinstituída, reforçando o tom categórico do *ethos* desse enunciador.

A sexta Carta que analisamos concerne à defesa de um dos indivíduos citados na reportagem *Investimento Suspeito* (VEJA, 04/01/2012), sobre as ilegalidades existentes na compra do *Brasília Futebol Clube*. Nessa materialidade, se apresenta o emprego do operador aditivo *também* que tem o valor de máxima vinculação entre os enunciados, enfatizando justamente esse efeito de conexão:

- (06) [...] Sou autor de inúmeras obras jurídicas e já me dediquei, com muita galhardia, ao magistério superior, o que demonstra o meu sincero compromisso com a sociedade e com o bem comum. Sou, **também**, dramaturgo e poeta, com o sem-número de obras que enriquecem a produção cultural brasileira. (VEJA, 11/01/2012)

Observando o exemplo enunciativamente, o operador em questão enfatiza o verbo “ser” em 1ª pessoa, além de uma série de atributos designados pela enumeração de substantivos que indicam um lugar social. Novamente a pausa proporcionada pela posição de inciso do marcador permite que dois conjuntos de atributos se vinculem para caracterizar um *ethos*, que nesse caso é o dito, pois o seu esboço se dá pela referência direta ao seu caráter e não pela construção a partir do dizer do sujeito como comumente estamos observando.

O último exemplo aqui apresentado faz referência à entrevista do ex-jogador e então deputado federal Romário (*Eles não querem saber de nada*, VEJA, 21/03/2012). Em tal amostra, enfatizamos o uso peculiar do estruturador *finalmente*:

- (07) **Finalmente**, pude me sentir brasileiro. Ao ler a entrevista de Romário, percebi que nem tudo está perdido (VEJA, 28/03/2012).

Com frequência, esse elemento é categorizado como um ordenador que introduz um último argumento e integra o conjunto de ordenadores que, geralmente, estão espalhados no mesmo texto para indicar a ordem dos enunciados. Porém, nesse caso, tal expressão está em posição inicial absoluta, destacando um enunciado curto, de considerável ênfase ao sentimento do sujeito diante da enunciação. Talvez aqui seja o caso mais modelar de como um mecanismo tradicionalmente de valor coesivo e metadiscursivo, assume um papel enunciativo, destacando a marca do sujeito no enunciado e sua posição frente à enunciação. Este efeito repercute, mais uma vez, na construção do *ethos*, que, nesse contexto, surge com um tom passional e espontâneo.

Após os comentários anteriormente apresentados, podemos refletir sobre alguns fatos recorrentes durante a análise sobre a presença dos marcadores do discurso em textos de materialidade escrita. Como mencionamos antes, pensamos que todos os mecanismos presentes na língua permitem criar efeitos de sentido e, seguindo os preceitos de Benveniste, podemos, ao analisar tais mecanismos, refletir sobre a questão do sentido que, em última instância, é outro modo de refletir sobre o homem e sua relação com a língua.

### **Considerações finais**

Após as análises realizadas nas amostras apresentadas, podemos tecer algumas considerações sobre o trabalho com os marcadores, partindo da evidência de que as noções e metodologias dos campos da Linguística Textual e da Pragmática muito auxiliam os pesquisadores diante dos problemas teóricos e analíticos referentes aos marcadores e, portanto, temos que continuar revisitando seus postulados. No entanto, a Enunciação se revela como campo de estudo produtivo no momento que os analistas elaboram novas questões ou retornam às antigas indagações sobre o papel dos marcadores na materialidade linguística e na representação da subjetividade na linguagem. Dessa maneira, há alguns pontos que devemos avaliar.

Em primeiro lugar, apesar da relevância dos fatores cognitivos, pragmáticos e estruturais dos marcadores, inclusive porque não se pode negligenciá-los, acreditamos que se devem focalizar os estudos nos fatores enunciativo-discursivos ligados aos marcadores.

Em segundo lugar, não se deve chegar ao extremo de supervalorizar o papel isolado dos marcadores no enunciado. Observamos que tais mecanismos sempre estão acompanhados de outros índices linguísticos, tais como verbos (em geral em 1ª pessoa), adjetivos / locuções adjetivas, modalizadores, posicionamento sintático, emprego de pontos e vírgulas, entre outros. É importante observá-los em seu conjunto, entre outros elementos da mesma categoria e / ou de outras diversas.

Em terceiro lugar, são os seus empregos contextuais e incomuns que se transformam em índices enunciativos que norteiam, por sua vez, os efeitos de sentido pelos quais o sujeito se marca. Tal aspecto deve ser considerado tanto na elaboração de uma terminologia e classificação mais homogêneas quanto nas discussões sobre abordagens didáticas desses elementos no seu ensino em língua materna e estrangeira.

Por último, analisados em conjunto com outros mecanismos, os marcadores são elementos basilares para refletirmos sobre as características de um *ethos* do enunciador

que vai se constituindo na materialidade linguística. Além de guiar inferências do ponto de vista cognitivo, os marcadores guiam formas de dizer que configuram a presença do sujeito no enunciado e a importância da subjetividade na linguagem. Aliás, cabe lembrar que, diante do argumentado nesse trabalho, já se faz hora de propor novas questões diante dos problemas que os estudos sobre os marcadores suscitam.

Os marcadores discursivos, portanto, também se integram em uma proposta de análise enunciativa que, segundo Flores (2010, p. 402), é transversal a vários níveis de língua, pois essa transversalidade enunciativa concebida por esse autor é entendida como “uma inter-relação entre os níveis canonicamente considerados pela linguística clássica sem se reduzir a eles”.

Esperamos que nosso trabalho possa contribuir para a formulação de questões sobre os marcadores do discurso e a Enunciação, pois tais elementos transitam por vários níveis (desde o sintático, passando pelo semântico e chegando ao textual), o que se revela como um desafio para análises enunciativas.

## REFERÊNCIAS

ALI, N. S. *Meios de expressão e alterações semânticas*. São Paulo: Francisco Alves, 1930.

AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ANTUNES, I. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2005.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *Dernières leçons*. Collège de France 1968 et 1969. Paris: Ehes Gallimard / Seuil, 2012.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness*. Some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CUENCA, M. J. Los conectores parentéticos como categoría gramatical. *Lingüística Española Actual*, n. 23, v. 2, p. 211-235, 2001.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004.

FLORES, V. N. Sujeito da enunciação e/ ou sujeito do enunciado? Exterioridade e interioridade teórica no campo da Linguística da Enunciação. In: MATZENAUER, C. L. B.; MIRANDA, A. R. M.; FINGER, I.; AMARAL, L. I. C. *Estudos da Linguagem: Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*. Pelotas: Educat, 2008. p. 87-104.

\_\_\_\_\_. A enunciação e os níveis de análise lingüística. In: *SITED: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TEXTO, ENUNCIACÃO E DISCURSO*, 2010, Porto Alegre, PUCRS. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sited/arquivos/Valdirdo-NascimentoFlores.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2011.

FLORES, V. N.; SILVA, S.; LICHTENBERG, S.; WEIGERT, T.. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. *Introdução à Lingüística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

GARCÍA, M. N. D. *La organización del discurso argumentativo: los conectores*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2002.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e historia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

KOCH, I. V. *A coesão textual*. 20. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, L. A. *Linguística Textual: o que é e como se faz*. São Paulo: Parábola, 2012.

\_\_\_\_\_. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: \_\_\_\_\_. *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989. p. 281-321.

MARI, H. *Os lugares do sentido*. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

MARTÍN ZORRAQUINO, M. A.; PORTOLÉS, J. Los marcadores discursivos. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Dir.) *Gramática descriptiva del español*. Madrid: Espasa, 1999. 3 v., p. 4051-4213.

PAILLARD, D. Marcadores discursivos e cena enunciativa. In: VOGÚÉ, S.; FRANCKEL, J. J.; PAILLARD, D. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulamentação*. Tradução e organização de Márcia Romero e Milenne Biasotto. São Paulo: Contexto, 2011. p. 161-185.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado de la argumentación*. La nueva retórica. Madrid: Gredos, 1989.

VEJA. Edição 2250 a 2262, janeiro, fevereiro e março de 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 20 maio 2012.

## BIBLIOGRAFIA NÃO CITADA

BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I*. 5. ed. São Paulo: Pontes, 2005.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2006.

FERNANDES, I. C. S. Los marcadores discursivos a partir de una perspectiva retórico-enunciativa: cómo los efectos de sentido surgen en la lengua. In: II COLOQUIO INTERNACIONAL MARCADORES DEL DISCURSO EN LENGUAS ROMÁNICAS: UN ENFOQUE CONTRASTIVO, 2012, Buenos Aires, Anais. Disponível em: <[http://www.coloquiomarcadores.com.ar/archivos/Actas\\_II\\_Coloquio\\_internacional\\_marcadores.pdf](http://www.coloquiomarcadores.com.ar/archivos/Actas_II_Coloquio_internacional_marcadores.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2012.

\_\_\_\_\_. A produção de sentidos na argumentação: um percurso entre marcadores discursivos e o *ethos*. In: MOTTA-ROTH, D.; CABAÑAS, A. T.; HENDGES, G. R. *Análises de textos e de discursos: relações entre teorias e práticas*. Santa Maria: PPGL-UFSM, 2008.

\_\_\_\_\_. *Los marcadores discursivos en la argumentación escrita: estudio comparado en el español de España y en el Portugués de Brasil*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2005. 1 CD.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

RÍO, L. S. *Diccionario de partículas*. Salamanca: Luso-Española, 2003.

RODRÍGUEZ, C. F. *Diccionario de conectores y operadores del español*. Madrid: Arco Libros, 2010.

TRASK, R. L. *Dicionário de Linguagem e Lingüística*. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.